

Ensaio para o projeto "América do Sul no início do Século XXI - O pensamento de Karl Marx ainda tem significado para nós?" – O espelho latino-americano: atraso e potencialidades

Autor: Gustavo Rodrigues Silva

Sento-me defronte do meu computador comprado de segunda mão. Ao redor estão meus livros sobre os mais diversos temas. Dentre os quais, é certo, de teoria literária e pedagogia a política, economia e história, a maior parte incursa marxismo adentro, seja na versão ortodoxa, seja na heterodoxa. Ampliando o raio, estarei circundado não pelo meu quarto, mas pelo bairro periférico e de nome democrático Teotônio Vilela, onde erguem-se os prédios criados pelo Estado para “acomodar” parte da população excedente da cidade grande de S. Paulo, e a poucos metros da favela “Promorar” (o seu nome, analisada etimologicamente, é pró-morar, ou seja, a favor do morar). De acordo com tal situação, posso ticar muitos pontos da lista de características do jovem pobre brasileiro ou latino-americano. Mas tenho sorte: não sou preto, nem mulher, nem gay, longe de ser um trans, tenho meia-graduação e possuo, além de tudo isso, um rosto *media class*. (O fato de ser professor de alemão – ainda que de um claudicante projeto da cidade - me destoa daqui, do lugar a que todavia pertença.) Minhas chances de longevidade são das mais elevadas: para além dos dados estatísticos, não serei tão violado pela polícia, pelo governo, pela sociedade, pela nova estação de desafios históricos...

Interrompo-me o curso das ideias, no entanto. Questiono, afinal, se o que estou fazendo é antes um testemunho cansado e cansativo da minha condição. Continuando a debulhar as dores do numeroso e comum rosário de menino pobre, em primeira pessoa, numa oscilante linguagem que beira ao vis-a-vis da confissão, incorreria em crasso erro de gênero textual. Isto deverá ser um ensaio e um ensaio sobre uma importante figura da história, Karl Marx. O ensaio, cunhado pelo seu eminente elaborador, o Marquês de Montaigne, trata de um tema externo, pesando-o. Nesse caso, deveria estar consultando nesse instante biografias, livros de história, obras do nosso autor-objeto, etc, etc. Somente sob tal clareza, armado de conceitos, o procedimento textual iria ao ponto. Tenho tempo, penso contudo, para pensar que me descrevi acima descrevendo gente sem conta e assim permaneço segundo as regras da tarefa do ensaio. Não terei nome, serei um anônimo. Ainda não me formei em código, mas não quero pressa, ao contrário do capital. Agrada-me pensar ainda que esse texto poderia possuir milhares de criadores; que, me formando,

este código não será dado por outrem; somos muitos códigos, mas talvez aqui não serei um código de barras.

Mas é tarde e precisamos prosseguir. Marx existe depois de Marx. Mas Marx, depois de Marx, como na obra de Joán Brossa, não é mais um ser humano. Isto foi-se há muito. Ele agora é como o mar que quebra no “X da questão” da história humana. Mesmo para quem o odeia ou o venera, santificando-o por diferentes vias, ou quem o vê como rico pensamento forjado, descontando-se o homem, necessariamente pelo tempo e espaço, não é mais recomendável furtar-se do economista-filósofo-jornalista-e-o-que-mais-se-lhe-diga: mal revemos uma crise orgânica do capitalismo no início deste século, Marx volta a ser citado até por liberais, *O Capital* é comprado em vultoso contingente de exemplares, o espectro do comunismo definido por ele e Engels volta a assomar na Europa e no mundo todo para quem não se importa e para aqueles que fingem não se importar com as constantes greves, manifestações e outras formas de luta dos proletariados unidos do mundo. A corrente que fez a onda Marx não deixa de quebrar em outras ondas. As barragens do capitalismo permanecem mais resistentes do que a corrente, mas nada está certo se tais ondas deixarão ou não de romper a represa.

Talvez seja já o momento de irmos, acompanhados pela presença fantasmal do “mouro”, para a América Latina, esse pedaço do mundo amaldiçoado por uma das suas principais figuras, Símon Bolívar, nossa primeira figura latino-americana que, por sua vez, foi descrita por Marx em infeliz estudo. A América Latina não era o foco dele, sendo demonstrada lastimavelmente nas poucas páginas em que enveredou por tais rincões. É certo que Marx (e seu grande companheiro Engels) se preocupava, ao dizer “Trabalhadores do mundo, uni-vos”, com o mundo civilizado europeu, onde existia o conjunto de trabalhadores em quem encontrou o sujeito histórico, o sujeito universal. Ao mesmo tempo, no entanto, a Marx jamais escapou o processo econômico e social do capitalismo que hoje denominamos “globalização”. A Marx tampouco escapava aquilo que já fora previsto antes por uma grande influência do mundo germânico e, bem dito, europeu da época, e dito melhor, hoje em todo o mundo: Goethe com seu conceito de *Weltliteratur* (literatura mundial ou universal). Portanto, sim, bem como se podia vislumbrar uma literatura que englobasse todos os povos e nações, o capital da sociedade burguesa já empreendia sua expansão, a conquista de espaços territoriais para a consolidação dos seus mercados. Sim, a periferia do mundo, essas colônias ou ex-colônias

– a amaldiçoada América Latina se inclui aí -, iriam ser, mais cedo ou mais tarde, parte fundamental deste sistema necessariamente global que é o regime do capital por ele estudado. Marx não apenas se influenciou do conceito goethiano, como também superou a própria insuficiência do conceito: a literatura quedou-se em segundo plano; a periferia do mundo, como sempre esteve; e o capital, ao contrário, vai em ascensão, conquistando periferias e literaturas.

O sujeito universal, como se dizia acima, não se achava ainda aqui, na América Latina, daí a falta de interesse de Marx. Mas agora isto mudou, como ele previra: o sujeito universal histórico do proletariado se universalizou de vez. Está aqui e em todo lugar. E não podemos fechar os olhos para o fato cabal de que aqui é, provavelmente, um dos lugares mais sensíveis à possibilidade de transformação radical da sociedade desde o século passado. E hoje a América Latina tem quase tudo para isso, para ser hoje a vanguarda daquele processo histórico tão almejado pelos marxistas revolucionários Lênin, Trotsky e Rosa Luxemburgo, a revolução socialista mundial, cientificamente comprovada por Marx e ensaiada por estes na Revolução Russa, bastante vitoriosa em seus princípios, e na Revolução Alemã, derrotada desde seus princípios. Rosa, Lênin e Trotsky foram os pósteros imediatos de Marx e Engels, foram seus continuadores na teoria e na prática. E todos eles, se não se encontravam num contexto europeu civilizado (a Rússia era Europa com sua autocracia, sua burocracia e seus milhares de camponeses, antigos servos, em comunas; a Alemanha para muitos não ia, *Kultur* à frente, contra a *Zivilisation* e a democracia?), estavam ao lado dos acontecimentos da civilização. A industrialização e a formação das classes burguesa e proletária chegaram até esses dois países em relativo atraso, mas não é preciso dizer como vão ser tardias no contexto latino-americano.

Necessário repetir: a América Latina (não separo a da América do Sul) possui atualmente quase todas as condições para ser a vanguarda da revolução socialista mundial. Mas necessário, por outro lado, perguntar: Quais são os pósteros de Marx e Engels na América Latina? Minha mão coça no sentido de ir contra o estilo que escolhi neste ensaio. A vontade de recorrer a livros, textos, a todo o discurso até o momento construído pela tradição marxista (porque o marxismo é de há muito uma tradição) é inevitável. Resisto: não vou citar Mariátegui ou Nahuel Moreno. Muito menos as célebres máximas de Che Guevara, por exemplo. O estilo aqui deve persistir num panorama

intelectual breve que, somado à minha situação de privilegiado periférico da periferia, alcance alguma coisa valiosa do Marx para o século XXI. As citações, pedras densas e exigentes de paráfrases, não concorreriam a este panorama, penso. Estes três nomes, demasiado distintos entre si, podem sinalizar os caminhos pelos quais a classe trabalhadora da América Latina deve trilhar, não há dúvida quanto a isso. Eu não hesito em defini-los, tal como Brossa para Marx, como as nossas ondas, as ondas latino-americanas da história. Eles não fizeram senão quebrar o mar anteriormente quebrado por Marx, Engels, Rosa, Lênin, Trotsky e tantas outras vagas.

Mas por que, afinal, o continente cultural latino-americano será, possivelmente, o saguão de entrada da revolução mundial? Porque, exatamente ou mais veementemente como aconteceu no violento século XX, a América Latina continua sendo um grande palco de misérias: atraso econômico, político, social. Mas desde sempre Marx ele mesmo ou sua voz ecoada por outras vozes vem nos dizendo acerca da dialética. O atraso, devemos acreditar, é por um lado o nosso maior instrumento de luta, nossa maior possibilidade de transformação. Como esquecer a miséria alemã de Marx, a corda rebentada nos nós mais fracos de Lênin ou na dialética do atraso de Trotsky? Hoje em dia guardam enormes chances Estados Unidos, Europa e Japão, as maiores potências econômicas, altamente industrializadas, de começarem a revolução em termos objetivos. Mas lhes faltando o atraso, não lhes borbulham ou não lhes quebram muitas ondas. O atraso, se não for a própria porta de vazão da represa, cuja chave está sob a chefia das potências, é a rachadura das barragens do capital. Resta aí a esperança de que, não pela porta, mas pelos quarteis das rachaduras seja possível achar direções.

Onde estariam as rachaduras do capital na América Latina do século XXI? Impossível não encontrá-las: no Brasil, uma parte estranha da América Latina, os retrocessos históricos vinham se impondo desde os anos 90, com a voga do neoliberalismo, mas há praticamente três anos atrás, com os acontecimentos que deram início ao golpe parlamentar aplicado pelos mais abjetos grupos de representantes da classe dominante no Congresso (vide as Bancadas da bala, da Bíblia e do boi), eles se precipitaram qual chuva ácida sobre as cabeças trabalhadoras brasileiras. Na Venezuela, o propalado fim do capitalismo não passa da retórica do “socialismo bolivariano”, o “socialismo do século XXI”, mas a luta de classes não cessa de comer as barreiras. Na Argentina, Macri sonha realizar o que Temer logrou no Brasil. No México, a corrupção,

as chacinas contra a juventude pobre, as emissoras de televisão poderosas rezam a ladainha da miséria latino-americana. No Chile, na Bolívia, etc., etc., a fome avançada do capitalismo mantém sua língua e dentes em avanço. Isto é, mais e mais atraso, mais rachaduras que, espero eu e muita gente, se rompam por fim com a força das ondas e do mar reprimido. Quando falamos do significado de Marx na América Latina, ele reside, com efeito, no esforço de forçar, de abrir as rachaduras que me serviram de metáfora e que precisei mencionar diversas vezes.

Já que eu, por um lado, não serei o “MARX2001, o Marx do século XXI” (chego, acanhado, ao código), pois a pretensão seria demais e nem é ela o que ambiciono, sou parte integrante, por outro lado, do HOMO2222, sou o homem do futuro, como posso, isto sim porque almejo e busco lutando e pensando a transformação social, o homem que só vai existir se acabarmos com aquilo que nos impede de transformar, o capitalismo em suas correntes. A mim, tão periférico, tão latino-americano, bem como ao mundo do homem do futuro (ignoro se “pós-humano”), ao mundo sem as barragens que conhecemos, ao homem universal, embora sendo latino-americano ou não, está ou deve estar prometido o mundo superado do capital.